

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

HELEN CRISTINA HONORATO MARCELINO

**SAGRADA RESISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO RELATO DE MALALA  
YOUSAFZAI À LUZ DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE FREUD**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé.

Juiz de Fora  
2024

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **HELEN CRISTINA HONORATO MARCELINO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172028A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado SAGRADA RESISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO RELATO DE MALALA YOUSAFZAI À LUZ DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE FREUD, desenvolvido durante o período de 06/05/2024 a 15/09/2024 sob a orientação de PROF. DR. SIDNEI VILMAR NOÉ, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 23 de SETEMBRO de 2024

---

**HELEN CRISTINA HONORATO MARCELINO**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# SAGRADA RESISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO RELATO DE MALALA YOUSAFZAI À LUZ DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE FREUD.

HELEN CRISTINA HONORATO MARCELINO

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma comparação sobre a resiliência e força de Malala Yousafzai ao extremismo do Talibã sob a perspectiva da psicologia da religião de Sigmund Freud. A análise parte do problema central: como a fé e a religiosidade podem ser simultaneamente ferramentas de opressão e resistência? Para isso, são utilizadas as obras de Freud, como *O Futuro de uma Ilusão* e *Totem e Tabu*, como parâmetro, que discutem a religião como uma ilusão criada para aliviar o sofrimento humano em relação à sua figura paterna e seus desejos e como um mecanismo de controle social. O método utilizado é uma análise comparativa entre a teoria freudiana e o relato de Malala em *Eu Sou Malala*, destacando as contradições entre a visão crítica de Freud sobre a religião e a experiência pessoal de Malala, que enxerga sua fé islâmica como uma fonte de força e esperança. Os resultados esperados envolvem a demonstração de que, apesar da crítica de Freud à religião como uma força repressora, a trajetória de Malala revela uma experiência de resistência e luta, demonstrando que a religião pode ter um papel ambíguo e contraditório, capaz tanto de oprimir e causar medo quanto de libertar e dar esperança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Extremismo. Freud. Religião. Malala.

## 1. INTRODUÇÃO

A religião sempre desempenhou um papel central nas sociedades humanas, tanto como uma fonte de coerção social e esperança quanto como um instrumento de controle e opressão. Nas obras de Sigmund Freud, a religião é vista como uma forma de transferir os sentimentos de uma figura paterna, sendo externalizados pelos sentimentos de amor, abandono, proteção e medo, que podem servir como uma experiência empírica que o leva a transferir esses sentimentos para um ser “maior” e “superior”, que ajuda a regular seus piores desejos quanto perdoa quando comete o pecado. No entanto, o relato de Malala Yousafzai em *Eu Sou Malala*, oferece uma perspectiva diferente, na qual a fé islâmica é retratada não como uma força negativa, mas como uma fonte de perseverança e coragem contra o radicalismo Talibã. Se por um lado temos o Talibã, que representa o que Freud diz sobre o que é, e como age a religião em sua pior forma, por outro temos Malala, que mesmo estando nesse ambiente, escolheu interpretar o Islã de forma que a liberdade, o amor e a igualdade prevalecem. Freud como ateu, quando questionado sobre sua opinião perante a religião, recebeu uma carta de uma experiência pessoal de pessoa, da qual queria lhe mostrar com “provas” que Deus existia. Sua análise relativa a conclusão da revelação milagrosa do indivíduo que o enviou a carta, nada mais foi do que um comparativo de como ele se sentia em relação a própria mãe, e assim, baseado nas relações da infância se tem a tese principal de Freud, sobre a religião ser um espelho de como o indivíduo se sente em relação à figura paterna.

O intuito é tentar compreender o papel ambíguo da religião em sociedades marcadas por conflitos e extremismos religiosos, como é o caso do Paquistão, sob a influência do Talibã. A metodologia adotada consiste de uma análise psicanalítica do discurso religioso de Freud e da aplicação dessas ideias ao que foi vivido por Malala, verificando se as hipóteses freudianas sobre a religião podem ou não explicar a resistência religiosa de Malala ao Talibã. O trabalho está organizado em quatro partes principais. Primeiramente, será

apresentada a teoria de Freud sobre a religião como ilusão e controle social. Em seguida, será abordada a história de Malala, destacando como sua fé islâmica se contrapõe à opressão do Talibã. O terceiro capítulo será dedicado à análise comparativa entre Freud e Malala, enfocando as tensões e complementaridades. Finalmente, a conclusão discutirá as implicações desse estudo para a compreensão da religião em contextos de opressão e resistência.

## 2. A TEORIA DE FREUD SOBRE A RELIGIÃO

Em *O Futuro da Ilusão*, Freud traz um comparativo da religião com o apego emocional que é criado com a figura paterna, pois haja vista que este reflete as necessidades de acolhimento e proteção em um ser oculto, e assim como se cria um laço de amor para com a figura paterna, também se tem o medo e receio durante a infância, e segundo Freud é a base da religião diga-se esse carecimento de uma figura que venha ocupar esse lugar na vida das pessoas. O autor argumenta que a religião também é um motivo de controle social, ou uma forma que determinada doutrina encontrou para controlar os desejos e vontades humanas consideradas pecaminosas. Se uma pessoa pode fazer qualquer coisa, sem limites e punições e possa fazer tudo, como roubar e matar, e nada o impeça, essa pessoa comete um assassinato; logo outra pessoa se vingará, assassinando a outra e assim levando a uma possível exterminação da humanidade. A religião, segundo Freud, é uma ilusão criada e acreditada para também reprimir esses desejos e fazer com que o homem viva em sociedade de forma racional e cultural uns com os outros, mesmo que a religião não seja a resposta para tudo, já que em teoria, traria felicidade e contentamento, mas ao invés disso, ainda tem pessoas que se rebelam contra a sociedade, e cometem atos pecaminosos diversas vezes, pois a religião não consegue responder e amortecer todos os impulsos dos seres humanos, apenas age como um incentivo para que os mesmos não se rendam aos seus desejos mais obscuros. E com o passar das décadas, a religião tem perdido muito da sua influência total, pois a cada avanço da ciência, dá a oportunidade de as pessoas escolherem e se manifestarem em o que acreditar ou não; e como muitas coisas trazidas por escritos religiosos podem ser interpretados como ilusórios ou irrealista, acaba fazendo mais pessoas buscarem novos propósitos ou crê somente naquilo que essas representam inconscientemente.

"Isso porque, por outro lado, as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles seus ideais." (FREUD, 1927, p. [16]).

A religião não pode ser provada como verdadeira tanto quanto não se tem provas de que seja algo inventado pelo homem, podendo somente argumentar através de experiências próprias, muitas chamadas de milagres, por quem vivenciou e foi tocado pelo ser divino, e desde então resolveu acreditar e seguir seus preceitos religiosos e obedecer a regras da sociedade abandonando ou ignorando seus desejos. A religião tem um apelo emocional, deixando de lado a racionalidade, e se apoiando nos conceitos primários das necessidades humanas de amor, compreensão, perdão e acolhimento, assim como na culpa, respeito e medo, e por mais que um indivíduo se sinta coagido pela sociedade a acreditar, fazer parte e seguir regras, mesmo podendo se rebelar, ele não o faz, pois aquela repressão é tudo o que conhece, e mesmo não estando satisfeito com a comunidade em que vive, já apreendeu a inibir seus desejos e a conviver com suas neuroses.

As neuroses mostram, por um lado, notáveis e profundas concordâncias com as grandes produções sociais que são a arte, a religião e a filosofia, e, por outro lado, aparecem como deformações delas. Pode-se arriscar a afirmação de que uma

histeria é uma caricatura de uma obra de arte, uma neurose obsessiva, a caricatura de uma religião, e um delírio paranóico, de um sistema filosófico. (FREUD, 1912-1914, p. [79]).

Assim como muitas religiões pregam o amor, esse amor equivale a todos pertencentes a essa mesma crença, sendo que para os que estão fora, essa tolerância costuma não ser praticada ou ter a mesma compreensão, em casos extremos, é praticado a intolerância, raiva e austeridade para as outras religiões ou com o diferente, e mesmo Freud, sendo ateu, deixa claro o respeito para com a religiões e acredita que a mesma prestou grande serviço à cultura humana e que através de suas reprimendas, e crenças ajuda a domar os instintos mais primitivos dos humanos, mesmo que não de forma totalmente eficaz, já que ainda sim, se é praticado o mau para com outros seres. Assim como um neurótico desenvolve comportamentos ritualísticos e regras para lidar com suas ansiedades, Freud acredita que as religiões criam estruturas semelhantes para regular a vida dos indivíduos. As regras morais impostas pelas religiões, como os Dez Mandamentos no cristianismo, por exemplo, funcionam como mecanismos de controle que permitem a convivência em sociedade ao custo de reprimir os impulsos instintivos. Esses impulsos, que Freud denomina "pulsões", como o desejo sexual e a agressividade, precisam ser regulados para manter a ordem social, e a religião serve como uma das principais ferramentas para essa repressão.

"Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai." (FREUD, 1927, p. [53]).

Freud usa o conceito de "totemismo" para ilustrar a ideia de que as sociedades primitivas usavam figuras sagradas (os "totens") como símbolos para regular o comportamento dos grupos sociais, especialmente para controlar a violência e o desejo sexual. Com o tempo, esses sistemas primitivos se transformaram nas grandes religiões monoteístas, que desempenham a mesma função de regulação social. Ele argumenta que as religiões modernas continuam a servir como ferramentas de poder, usadas pelas elites para manter a ordem social, restringindo a liberdade dos indivíduos em nome de uma moralidade divina. Com isso, Freud diz que baseado no desenvolvimento da sociedade e avanço das ciências haverá um inevitável afastamento dos indivíduos para com a religião e que se deve agora, ao invés da repressão e da neurose, dar lugar, baseado nos resultados, para as operações racionais do intelecto e um começo para isso, seria na renúncia e na reformulação e aceitação dos limites criados pela religião para conter os desejos e nossa natureza instintual, de forma consciente a reconciliar o homem com a sociedade.

### **3. FÉ E RESISTÊNCIA DE MALALA**

Malala Yousafzai é um exemplo de resistência ao extremismo religioso, nascida no Vale do Swat, no Paquistão, Malala foi diretamente impactada pelo regime do Talibã, que, em nome de uma interpretação extremista do Islã, proibiu a educação das meninas, e impôs uma severa discriminação de gênero e um controle rígido sobre a vida das mulheres. Malala se tornou alvo do Talibã e foi vítima de um atentado em 2012, quando foi baleada na cabeça por militantes que tentavam silenciar após sua voz conseguir alcançar cada vez mais pessoas dentro e fora do Paquistão, e as incentivarem a lutar pelo o que acreditavam. Malala utiliza sua fé islâmica como uma fonte de força e resistência, e não aceita ser instrumento de submissão como o Talibã dizia ser o papel das mulheres. Desde muito jovem, ela lutou contra a visão extremista que o Talibã possuía e sempre deixou claro que sua fé não era causa de opressão, mas sim sua principal motivação para lutar por justiça e igualdade. Ela interpreta os ensinamentos da Islã de uma maneira que empodera as mulheres e promove a educação, mostrando que a fé pode ser usada como uma força

transformadora em vez de um mecanismo de controle. “O Talibã pode tirar nossas canetas e nossos livros, mas não pode parar nossas mentes de pensar.” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [99])

Em diversos discursos e em seu livro *Eu Sou Malala* (2013), ela menciona como sua fé inspira a luta pela educação, justiça e pelos direitos das mulheres. Ela desafiou diretamente a interpretação distorcida do Islã feita pelo Talibã, que usava a religião para justificar a repressão. Malala reafirma que o verdadeiro Islã não proíbe a educação das meninas, e que o profeta Maomé defende o conhecimento e a instrução para todos, independentemente do gênero e essa postura destaca a capacidade da religião de ser reinterpretada e utilizada como uma ferramenta de resistência contra o autoritarismo. Enquanto o Talibã tenta se apropriar da religião para controlar e oprimir, Malala se baseia na fé para se fortalecer e lutar por sua emancipação e pela a liberdade e educação das outras meninas e mulheres.

“Os trabalhadores manuais davam uma enorme contribuição para nossa sociedade, mas não recebiam reconhecimento e por isso muitos deles se juntaram ao Talibã — para finalmente obter status e poder.” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [100])

Essa resistência demonstra a natureza contraditória da religião: em mãos autoritárias, ela pode ser usada como uma forma de controle, repressão e medo; no entanto, nas mãos de indivíduos como Malala, a religião pode ser uma fonte poderosa de empoderamento, força e esperança. Ao acreditar que sua fé islâmica age de forma crítica e progressista, Malala demonstra que uma religião não precisa ser opressiva, sua experiência revela que o problema não é a fé em si, mas nas interpretações e manipulações que dela se fazem, baseadas no interesse e desejo do homem e na busca pelo poder. Ela redefine o Islã como uma religião de paz, justiça e igualdade, em oposição à visão extremista do Talibã que usa o Islã como justificativa para violência; portanto, a história de Malala desafia diretamente a visão de Freud, mostrando que a religião pode ser muito mais do que uma ferramenta de controle. Ao contrário da ilusão infantilizada descrita por Freud, a fé de Malala é madura e consciente, baseada em uma compreensão crítica e profunda dos textos sagrados e utilizada como uma arma contra a injustiça. Sua luta pela educação e igualdade de gênero, baseada em sua fé, demonstra que uma religião pode ser um caminho para a resistência, desde que seja reinterpretada de maneira inclusiva e igualitária. Malala traz em seu livro como a mudança gerada pelo Talibã afetou a região em que morava, o Talibã destruiu estátuas budistas, andavam armados nas ruas e ameaçavam mulheres que estavam sozinhas nos mercados e famílias que permitiam que suas filhas fossem a escola.

“Um único talibã tinha o poder de controlar uma aldeia inteira. Nós, crianças, também estávamos zangadas. Normalmente, nas férias, há lançamentos de filmes, mas Fazlullah fechará todas as lojas de DVDs. Àquela altura minha mãe já se cansara do maulana, principalmente quando ele começou a pregar contra a educação, dizendo que quem frequentasse a escola iria para o inferno.” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [154])

Com o tempo, a situação foi piorando a ponto de haver explosões no vale do Swat, as meninas abandonarem a escola por medo, as Tv's, programas, rádio e música foram proibidos, com exceção ao programa de Fazlullah que lia para todos suas interpretações do Islã, e as pessoas começaram a fugir para outras regiões ou a acatar as vontades do Talibã por puro medo, ou por poderem expor suas vontades antes oprimidas. Quando Malala começou a se impor de forma mais evidente e sem se esconder, começou a sentir medo das várias reprimendas que as mulheres sofriam como forma de opressão, ameaças, da qual já havia se acostumado àquela altura, de que Talibãs armados saltaram à sua frente e de que tivesse o rosto

queimado por ácido em algum ataque, como já havia acontecido a outras mulheres e devido ao medo e repressão, tomava as mais devidas precauções e acima de tudo, rezava muito e pedia para Deus a proteger de quaisquer ameaças.

“Então eu rezava. À noite, costumava rezar muito. O Talibã pensa que não somos muçulmanos, mas somos, sim. Acreditamos em Deus mais do que eles e confiamos que Ele nos protegerá.” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [81])

E pouco depois, aos 15 anos, alguns homens Talibãs invadiram o ônibus em que Malala estava, e atirou em sua cabeça, e mesmo tendo que ser levada às pressas para outro país, ao olhar pela janela de seu novo quarto, sentia falta de sua casa, e sua história corria o mundo como exemplo de inspiração, força e resistência contra o extremismo religioso e como luta a favor do direito a educação das mulheres.

#### **4. FREUD E MALALA SOB A LENTE DA COMPARAÇÃO**

Segundo Freud, o controle psicológico se manifesta na forma como as religiões impõem fundamentos morais e tentam controlar o comportamento das pessoas, reprimindo seus impulsos e seus desejos conscientes ou inconscientes. No caso do Talibã, fica evidente a forma extrema dessa repressão, ao impor sua interpretação extremista do Islã, é utilizada a religião como uma ferramenta de controle social violento, com o objetivo de conter a liberdade individual, principalmente a das mulheres. A educação, é proibida para as meninas e as mulheres são proibidas de irem sozinhas ao mercado, sob a justificativa religiosa de que o aprendizado fora dos dogmas religiosos é uma ameaça à ordem divina, além de que, como disse Malala, segundo o Talibã, a função da mulher é cozinhar e parir. A visão freudiana da religião como uma força opressora se encaixa perfeitamente na análise do extremismo religioso do Talibã. Para Freud, a religião não surge da experiência empírica ou do raciocínio lógico, mas dos desejos profundos e inconscientes de segurança e proteção, como o de uma criança perante o seu pai e sua necessidade de acolhimento e temor para com a figura mais imponente. No caso do Talibã, esses desejos são manipulados e usados para justificar atos de opressão e violência.

“Eu não conseguia entender o que o Talibã tentava fazer. “Eles estão caluniando nossa religião”, falei em entrevistas. “Como você vai aceitar o Islã se eu apontar uma arma para sua cabeça e afirmar que o Islã é a verdadeira religião? Se eles querem que todas as pessoas do mundo sejam muçulmanas, por que primeiro não se mostram bons muçulmanos?” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [101])

O Talibã utiliza o Islã como uma ilusão distorcida que valida suas práticas repressivas, atribuindo seus atos a um mandamento divino inquestionável. Ao mesmo tempo, Freud descreve como as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas àqueles que as oprimem, vendo-os como ideais. Isso é visível em algumas populações sob domínio de grupos extremistas, que, apesar da violência sofrida, ainda encontram um vínculo emocional ou moral com esses regimes. O Talibã, ao se apresentar como defensor de uma interpretação "pura" do Islã, ganha apoio de partes da sociedade que, de outra forma, poderiam resistir a um governo tirânico. "Acredito haver mostrado que o esforço do senhor se reduz à tentativa de substituir uma ilusão provada e afetivamente valiosa por uma outra, não provada e indiferente." (FREUD, 1927, p. [77])

No entanto, a crítica freudiana à religião não se limita ao controle social. Ele também destaca como a religião foge da lógica e encontra abrigo no sentimentalismo das pessoas, através de conexões

psicológicas, mantendo o sujeito em uma posição infantilizada, incapaz de lidar de maneira autônoma com as realidades da vida. No caso do Talibã, esse efeito é amplificado: a imposição de regras rigorosas e o controle da educação não só ameaçam a liberdade dos indivíduos, mas também adquirem uma dependência psíquica de um sistema de crenças repressivo, que impede o questionamento crítico através de ameaças, medo e violência, como o Freud disse, praticam o poder da religião, através do controle opressivo. A abordagem freudiana ilumina a relação entre extremismo religioso e controle psíquico, mostrando como, nas mãos de grupos fundamentalistas, a religião pode ser transformada em um regime de opressão, embora Freud não tenha vivido para testemunhar o extremismo contemporâneo, sua análise do papel da religião é uma ferramenta valiosa para entender a dinâmica entre o Talibã e as populações que oprimem, oferecendo insights sobre a psique humana diante de regimes autoritários que utilizam a fé como arma.

"Porém, essa identificação dos oprimidos com a classe que os domina e explora é apenas uma parte de um contexto maior. Aqueles, além disso, podem estar ligados afetivamente a esta e, apesar da hostilidade, ver seus ideais nos seus senhores. Se não existissem tais relações, no fundo satisfatórias, seria incompreensível que tantas culturas tivessem se conservado por tanto tempo, apesar da justificada hostilidade de grandes massas humanas." (FREUD, 1927, p. [31])

Malala frequentemente se refere à sua fé islâmica como uma força motivadora. Ela defende que o verdadeiro Islã prega a igualdade, o conhecimento e a justiça, e que o uso do Islã pelo Talibã para causar a opressão é um acidente proposital. Em seu livro ela deixa claro que o Islã não é contra a educação das meninas, somente o Talibã o é. Isso exemplifica como ela vê a religião como um meio de empoderamento, ao contrário da ilusão de controle de massas descrita por Freud, ele afirma que a religião proporciona às pessoas um sentimento de segurança ao custo de sua liberdade, se referindo principalmente a liberdade de suas vontades, que ao adentrar em uma sociedade, precisam ser contidos e refreados, seguindo as condições impostas. O Talibã, de fato, se apropria do Islã para impor uma ordem social repressiva, na qual a liberdade de expressão, a educação e a igualdade de gênero são negadas.

"Confiava nas palavras de meu pai: "Malala é livre como um pássaro". Quando ouvia as histórias sobre as atrocidades que aconteciam no Afeganistão, eu celebrava o Swat. Aqui uma menina pode ir à escola, eu dizia. Mas o Talibã estava logo ali, na esquina, e era pachtum como nós." (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [49])

No entanto, Malala interpreta a sua fé de uma maneira que essa jamais seria usada para causar mal a outras pessoas, a ser usada para punir e proibir as mulheres de seus direitos básicos, para ela, a religião islâmica é uma fonte de coragem que lhe dá resiliência diante da violência do Talibã, enquanto mantém firmes seus ideais de justiça social e educação para todos. Essa perspectiva se aproxima de uma visão mais humanista da fé, onde uma religião pode ser moldada para promover o bem-estar e o progresso da sociedade. Malala utiliza sua fé como um recurso psicológico para suportar os desafios impostos pelo extremismo e transmitir essa visão para todos que também se sentem subjugados, e não como uma força limitadora. Enquanto Freud vê a religião como uma ilusão que infantiliza o ser humano, a fé de Malala se mostra o oposto, uma potência de força e resiliência. Sua visão, portanto, não está apenas fundada em valores universais, mas também em uma interpretação pessoal do Islã.

"Nós, seres humanos, não percebemos como Deus é grande. Ele nos deu um cérebro extraordinário e um coração amoroso e sensível. Abençoou-nos com a capacidade de falar e expressar nossos sentimentos, dois olhos para ver um mundo de cores e beleza, dois pés que caminham pela estrada da vida, duas mãos que trabalham para nós, um nariz que aspira fragrâncias deliciosas e dois ouvidos para escutar palavras de amor." (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [49])

Freud, embora cético quanto à validade das crenças religiosas, confirma que as pessoas precisam de algo maior que elas para se ancorarem psicologicamente. A fé religiosa, ao atender essa necessidade, pode proporcionar não apenas consolo, mas também um sentido de missão e coragem. No caso de Malala, sua fé islâmica não é apenas um refúgio contra o medo e a violência, mas também uma fonte de motivação para enfrentar a opressão e uma forma de lutar pela educação e igualdade. Mesmo sob um regime que utiliza a religião como instrumento de justificativa pra a opressão e violência, Malala coloca sua própria visão sobre essa mesma religião, reinterpretando-a como uma força de esperança e amor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud argumenta que a religião serve para manter o status quo, reprimindo o indivíduo e mantendo-o dependente de uma figura paterna divina. Ele considera que as religiões são criações humanas baseadas em desejos profundos de proteção, de onde surgem suas regras morais e dogmas que moldam as sociedades. Nesse sentido, a religião pode ser vista como um instrumento de poder. O Talibã, ao se apropriar da fé islâmica para justificar a opressão das mulheres, exemplifica a função reacionária que Freud atribui à religião. Sob o domínio talibã, a religião é distorcida para reforçar estruturas de controle, restringir a liberdade individual e impedir o avanço da educação feminina. O caso do Talibã ilustra claramente a crítica freudiana: a religião, quando manipulada por grupos de poder, torna-se um veículo de opressão. A proibição da educação de meninas, a segregação de gênero e a imposição de normas severas são exemplos de como o extremismo religioso pode ser utilizado como uma forma de manter a ordem social através do medo e da repressão. Para Freud, esse uso da religião demonstra como ela pode servir como uma ferramenta psíquica de controle, pois as massas aceitam sua opressão como uma ordem divina inquestionável. No entanto, a trajetória de Malala Yousafzai revela uma outra face da religião que Freud não explora de maneira explícita em suas obras.

"Há filósofos que expandem o sentido das palavras até que estas mal conservem algo de seu sentido original; chamam de "Deus" qualquer abstração nebulosa que criaram e então são deístas, crentes em Deus, diante de todo mundo; podem até se vangloriar por terem descoberto um conceito de deus mais puro, mais elevado, embora o seu deus seja apenas uma sombra sem substância e não mais a personalidade poderosa das doutrinas religiosas." (FREUD, 1927, p. [54])

Para Malala, a fé islâmica, longe de ser uma forma de controle, se torna uma fonte de resistência contra a opressão. Malala, criada em um ambiente onde o extremismo talibã utilizava a religião para silenciar mulheres e meninas, transformou sua crença em uma força que a impulsionou a lutar por sua educação e por seus direitos. Sua fé pessoal lhe deu coragem para resistir à repressão e, em suas palavras, a fé lhe ofereceu esperança e a convicção de que ela estava lutando por uma causa justa, enraizada em seus princípios religiosos. Aqui, surge a ambivalência da religião: ao mesmo tempo em que, nas mãos do Talibã, a

religião é uma ferramenta de opressão e submissão, para Malala ela se transforma em um pilar de força, que a inspira a resistir. Essa dualidade se deve à maneira como a religião é interpretada e vivenciada. A mesma estrutura religiosa que pode ser utilizada para justificar a violência, também pode ser um mecanismo de resiliência e esperança, quando vivida a partir de uma perspectiva emancipadora. Essa ambivalência reflete a natureza dinâmica da religião, que não pode ser vista apenas como uma construção social repressiva ou um refúgio psíquico, como propõe Freud. Malala desafia essa visão ao mostrar que a religião, dependendo do contexto e da interpretação, pode ser uma força motivadora para a resistência contra a opressão. A fé dela se torna um símbolo de sua luta, ao contrário da versão distorcida do Islã usada pelo Talibã para justificar suas atrocidades.

“[...] Sobre como a educação é um direito islâmico das mulheres e não só dos homens. Era como muçulmana que eu defendia meu direito de ir à escola.” (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [182])

Ao comparar as obras de Freud com a história de Malala, é possível perceber que a religião possui um caráter ambíguo. Freud acerta ao criticar o uso da religião como um sistema de controle, que limita a liberdade psíquica dos indivíduos e reforça estruturas opressivas, como é evidente no extremismo talibã. Contudo, a trajetória de Malala nos lembra que a religião também pode ser uma fonte de força pessoal e coletiva, especialmente em contextos de luta por justiça e igualdade. A mesma fé que pode ser usada para oprimir, também pode servir como um catalisador para a resistência e para a transformação social. Em conclusão, a religião pode ser tanto uma ferramenta de opressão quanto uma força de resistência, dependendo de como é vivenciada e interpretada. O exemplo do Talibã ilustra a visão freudiana da religião como um instrumento de poder, mas a jornada de Malala Yousafzai oferece uma visão alternativa, onde a fé é um meio de emancipação e esperança. Essa ambivalência destaca a complexidade do fenômeno religioso, que não pode ser reduzido a um único papel social ou psíquico, mas deve ser entendido em sua multiplicidade de significados e manifestações.

"O Talibã pode dizer que o Islã proíbe a educação, mas a verdadeira essência do Islã é a busca do conhecimento. Eu não lutei contra a minha religião, eu lutei contra a interpretação errada dela." (YOUSAFZAI; MALALA, 2013, p. [290])

Embora Freud veja a religião principalmente como uma ilusão repressiva, Malala nos mostra que a fé pode ser uma ferramenta de libertação, dependendo de como ela é interpretada e aplicada. As perguntas entre essas duas visões abrem espaço para uma discussão mais rica sobre o papel da religião nas sociedades contemporâneas, onde, apesar de exercer certo controle social, a fé também pode servir como um recurso poderoso de resistência e luta contra as coisas incorretas e irrealistas. Portanto, uma complementaridade fundamental entre Freud e Malala reside na possibilidade de que a fé, embora historicamente utilizada para controle social, também possa ser uma força liberal que gera autonomia, principalmente quando vivida de maneira consciente e crítica. Freud entende a religião como um produto das fraquezas humanas, mas Malala exemplifica como essa "fraqueza" pode se transformar em força quando a fé é usada para resistir à injustiça. A fé não precisa ser infantilizada como sugere Freud, ela pode ser um caminho para o empoderamento, desde que seja vivida de forma autêntica.

## 6. REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. 9. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997. 68 p.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Talibã**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/taliba.htm#:~:text=Talib%C3%A3%20%C3%A9%20um%20grupo%20fundamentalista,maneira%20violenta%20por%20cinco%20anos>. Acesso em: 22 conjuntos. 2024.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

YOUSAFZAI, Malala. **Longe de casa: minha jornada e histórias de meninas refugiadas ao redor do mundo**. Editora Seguinte, 2019.